

# humanitas

Vol. LVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. LVI • MMIV



na pòlis; nota 33 respeitante à noção de efemeridade do indivíduo e perenidade da espécie (p. 39); nota 61 sobre as Danaides, seu castigo e simbolismo desse castigo (p. 42); nota 35 sobre a diferença entre *psephisma* "decreto" e *nomos* "lei" (p. 53-54); nota 39 (p. 54) relativa aos metecos; nota 77 sobre os diversos sentidos de *dike* (p. 60).

José Ribeiro Ferreira

MARCIAL, *Epigramas IV* (Livros X a XIV: Lisboa, Edições 70, 2004). Introdução e notas de Cristina Pimentel. Tradução de Delfim Ferreira Leão, José Luís Brandão e Paulo Sérgio Ferreira.

Tu, que lês Edipos ou um Tiestes tenebroso, ou em Roma  
 Cólquidas e Cilas, que lês tu senão desvairios?  
 Que lucrarás com o rapto de Hilas, com Partenopeu e Atis,  
 que lucrarás com o dorminhoco Endimião  
 ou com o menino despojado das asas que se soltam,  
 ou com o ódio de Hermafrodito por águas amorosas?  
 Que prazer tiras dos vãos fingimentos de um mísero papel?  
 Lê isto, de que a vida pode dizer: «É meu.»  
 Nem Centauros, nem Gorgonas e Harpias aqui  
 encontrarás: a minha página tem sabor a homem.

Acabo de citar o epigrama 4 do Livro X, em que Marcial rejeita vários temas mitológicos de que se servia a tragédia, por os considerar irrealis, contrapondo-lhe a sua poesia de coisas simples e do quotidiano que «tem sabor a homem». E com a publicação deste IV volume fica completa a tradução deste poeta cuja obra ressuma vida e acidez.

Abalançaram-se à tarefa - não digo hercúlea, pela banalidade da expressão -, mas nada cómoda de verter os *Epigramas* de Marcial, Delfim Ferreira Leão, José Luís Brandão e Paulo Sérgio Ferreira, a que as introduções e notas de Cristina Pimentel deram a tônica da especialista e conhecedora deste inconformado autor romano que no fim da sua vida quis terminar os dias na sua Bilbilis, na Hispânia. Saído o primeiro volume em Março de 2000, que incorporava o *Livro dos espectáculos* (traduzido por Delfim Leão), e os Livros I, II e III (os dois primeiros em versão de José Luís Brandão e o terceiro de Paulo Sérgio Ferreira), seguiram-se-lhe os outros em intervalos regulares: no fim desse mesmo ano 2000, em Novembro, é publicado o II volume com os Livros IV, V e VI em tradução de Delfim Ferreira Leão, Paulo Sérgio Ferreira e José Luís Brandão, respectivamente; no ano seguinte, em Outubro, aparece o III volume que colige os Livros VII, VIII e IX, cuja tradução esteve a cargo de Delfim Ferreira Leão, Paulo Sérgio Ferreira e

José Luís Brandão, respectivamente; surge agora em Fevereiro de 2004 o IV e último volume da responsabilidade dos mesmos quatro docentes - introdução e notas da autoria de Cristina Pimental, como em todos os outros volumes; versão do latim para vernáculo de Delfim Ferreira Leão (Livros XI e XIII), José Luís Brandão (Livro XII) e Paulo Sérgio Ferreira (Livros X e XIV).

Os Livros X, XI e XII, publicados respectivamente em 98, em inícios de 97 e em 101 ou 102 (já em Bilbilis), aparecem como uma mistura de temas — era a estética e o gosto da época —, uns mais elevados, outros comezinhos, fúteis mesmo: crítica aos *vitia corporis*, aos caçadores de heranças, aos bêbados, ao parasita, aos patronos egoístas, ao ladrão de guardanapos; à mulher zarolha, ou careca ou desdentada; epigramas que podem ser lidos até por inocentes e outros que fazem corar os menos pudicos; epigramas com referências várias aos imperadores da época (Domiciano, Nerva, Trajano) que, por vezes, raíam a bajulação, como se pode ver nos epigramas 11.5, 12.8); epigramas que dizem respeito ou aludem a diversas personalidades, para as criticar com contundência, para as exaltar, para as homenagear ou para lhes dedicar poemas ou livros; epigramas de crítica ao que não tem onde cair morto e afinal se gabarola de ter na sua festa de aniversário o senado, a maioria dos cavaleiros (10. 27); epigramas de sátira aos ricos que de tudo fazem dinheiro, até do ódio (12.13):

Os ricos vêm na zanga, Aucto, uma forma de lucro:  
o ódio sai mais em conta que os presentes!

ou aos novos ricos, simbolizados na figura de Zoilo (12.54):

Cabelo ruivo, tez escura, um pé curto, um olho ferido,  
seria um milagre, Zoilo, se fosses um tipo honrado.

Epigramas de crítica à embriaguez que leva a muito prometer para nada cumprir (12.12)

Tudo prometes, quando toda a noite emborcaste;  
de manhã nada dás. Polião, emborca de manhã.

Epigramas que recorrem a coisas simples, como a abóbora, mas que se tornam hilariantes, devido ao absurdo da caricatura. Assim acontece na bem-humorada sátira do epigrama 11.31, de que transcrevo os primeiros versos (vv. 1-7):

Cecilio é o Atreu das abóboras:  
como se elas os filhos de Tiestes fossem,  
dilacera-as e esquarteja-as em mil pedaços.  
São elas que vais comer logo à entrada;  
a elas, no primeiro e segundo prato, irá recorrer;  
a elas no terceiro irá também apelar;  
e com elas preparará as tardias sobremesas.

Também não faltam as alusões literárias, a paródia ou a imitação de outros poetas: Catulo, Horácio, Cina, Virgílio, Juvenal. Por exemplo, o epigrama 11.6 alude aos *Carmes* 2, 3 e 5 de Catulo. Por sua vez no epigrama (11.3, vv. 8-10), mostra-se disposto a aceitar a restituição de Augusto de novo ao mundo, se depois «os deuses benfazejos te concedessem, Roma, também um Mecenas».

Na "Introdução", Cristina Pimentel traça, de forma discreta mas segura, um panorama desta variedade temática e sublinha que Marcial, logo no Livro X, conclui que o seu lugar já não é em Roma, pois o poeta pergunta (X. 58.7-8): «Aqui, quando sou dono do meu dia?» E reconhece que, lançado «para este alto mar da cidade», «em labor estéril a vida se esvai».

A "Introdução mostra-nos, com sensibilidade e finura, como o poeta prepara e saboreia o regresso a Bilbilis, como goza os prazeres simples do dia a dia no campo e alija o fardo da vida de obrigações que levou em Roma; como considera que os que permanecem na cidade é que são tolos e desperdiçam o que lhes resta de existência; como lembra os amigos que não revê há trinta anos (10.13) e recorda os campos, os montes, os rios, os telhados das casas da sua Bilbilis; como sente também (10.103, v. 9) «já saudades do que vai deixar, os amigos, os lugares de passeio e lazer, a vida buliçosa mas intelectualmente estimulante». Vemos como Marcial vende a quinta de Nomento, onde «repousa Erócion, prematura sombra» (10.61), fazendo ao novo dono as últimas recomendações, para partir em paz (10.92); como pede a um amigo que lha prepare o regresso a Bilbilis (10.104); como manifesta pressa em partir e chegar à Hispânia, para rever a «augusta Bilbilis, na sua íngreme encosta, cingida pelas rápidas águas» do rio Salão (10.103, vv. 1-2), a sua «altaneira Bilbilis» (10.104, v. 7); mas vemos também como foi recebido sem amabilidade, se viu rodeado de inveja, de tacanhez. No meio da solidão em que se encontrava, apenas o ajuda e anima um amigo, Terêncio Prisco, a quem dedica o livro XII (12. 1) e aconselha a ter prudência na caça (12. 14). Talvez por isso, sinta saudade dos amigos que deixou em Roma: caso de Esteia (12.2), Avito (12. 24), Júlio Marcial (12.34).

Em Bilbilis, Marcial começa por manifestar o seu agrado por viver na pacata cidade, que contrapõe à barulhenta Roma, em que vagueia e se esfalfa ainda Juvenal, a transpirar, pelas portas dos poderosos. Pelo contrário, o poeta foi acolhido pela almejada Bilbilis que o tornou camponês, gozando «um sono descaradamente longo» e desferrando-se do que não dormiu durante «bons trinta anos». E o poeta conclui o epigrama (12.18, vv. 17-26):

A toga nem se conhece, mas dão-me, se a peço,  
 uma túnica, ali à mão, numa cadeira cambada.  
 Quando me levanto, acolhe-me o lume - de uma soberba  
 pilha de lenha do vizinho azinhal -  
 que a caseira coroa de inúmeras painelas.

Depois vem o caçador, mas daqueles  
 que gostarias de apanhar no segredo de um bosque;  
 a dirigir os escravos está um caseiro imberbe  
 que pede para cortar os cabelos quando longos.  
 Assim me apraz viver, assim me apraz morrer.

Os Livros XIII e XIV, com os títulos de *Xenia* e *Apophoreta* que devem corresponder aos que Marcial lhes deu, apesar de colocados no final, seguiram o *Livro dos Espectáculos*, pelo que seriam o segundo e terceiro volumes de Marcial a sair, como Cristina Pimentel especifica na "Introdução", talvez por altura das Saturnais, em Dezembro de 84 ou 85. Informa ainda a "Introdução" que os dois livros «se destinam a acompanhar os presentes trocados pelas Saturnais», que esse é «o significado mais amplo de *Xenia*, que recolhe a tradição que remonta aos presentes do código da hospitalidade homérica, continuada em Roma nos deveres inerentes às relações de *amicitia*» e que os *Apophoreta* são um livro que, evocando o costume inicial «de distribuir o que sobrava da refeição entre os convidados de um banquete», «recolhe toda a variedade de presentes que se poderiam trocar», durante as Saturnais, entre patronos e clientes, entre amigos, e destinados quer a homens, quer a mulheres, quer a crianças. Esses presentes, como observa a "Introdução", eram com frequência «acompanhados por versos que identificavam ou esclareciam de que se tratava», etiquetas essas «que Marcial resolveu compor e divulgar», coligindo-os neste livro.

Sobre os *Xenia* - curtos poemas, como os *Apophoreta*, quase todos de um dístico apenas - escreve o próprio Marcial no epigrama 13.3, vv. 5-8:

Aos hóspedes poderás enviar estes dísticos, como presente,  
 se para ti a moeda for tão rara como para mim.

Por título acharás os nomes dados aos objectos:

passa adiante, se algum te der a volta ao estômago.

E dou quatro exemplos elucidativos de *Xenia* (os epigramas 5, 6, 7 e 9), numa espécie de aperitivo, já que o livro apresenta, como nota Cristina Pimentel, a «organização de um banquete romano, com a sucessão dos alimentos que integravam a *gustatio*, os aperitivos (6-60), seguindo com os que constituíam os pratos principais e terminando com os da *comissatio*, a parte em que o vinho imperava e que se seguia ao jantar, sem esquecer as flores e os perfumes com que se adornavam os convidados (106-127)». Vamos então aos aperitivos e começo por um epigrama relativo à pimenta (13.5), que leio

Se um papa-figos tenro como cera, com seu farto dorso luzente,  
 a fortuna te oferecer, junta-lhe pimenta, se fores esperto.

Para continuar com epigramas sobre as papas de trigo (13.6):

Damos-te papas de trigo, mas um rico poderia dar-te vinho com mel.  
Se o rico não to quiser dar, podes sempre comprá-lo.

Ou sobre a fava (13.7):

Se a pálida fava espumar na rubra marmita,  
mais amiúde poderás fugir à ceia dos ricos.

Ou ainda sobre a lentilha (13.9):

Recebe esta lentilha do Nilo, presente de Pelúcio:  
é mais barata que as papas de trigo e mais cara que a fava.

Ou este conselho sensato sobre os alhos-porros de talhar (13.18):

Sempre que comeres as fibras do alho-porro de Tarento,  
de cheiro intenso, dá beijos com a boca fechada.

Mas quem o desejar pode ainda escolher muitos outros, como flor de farinha (13.10), cevada (13.11), acelgas (13.13), rábanos (13.16), marmelos (13.24), pinhões (13.25), sorvas (13.26), capões (13.63), perdizes (13.65), esturjão (13.91), burrico selvagem (13.97). São «dezenas e dezenas de dísticos que se ocupam de alimentos, vinhos, utensílios domésticos, peças de roupa, objectos do quotidiano», como palitos, dentífrico, enxota-moscas.

Nos *Apophoreta*, por sua vez, que não são muito diferentes dos *Xenia*, prevalece - somos informados na "Introdução - uma distribuição dos dísticos sujeita à alternância: a um presente de rico segue-se um de pobre, às vezes o mesmo presente com material diferente. Dou três exemplos apenas, um par relativo aos cofres, primeiro os "cofres de marfim" (14.12) que cito

Encher estes cofres de outra coisa que não dinheiro amarelo,  
não convém: à prata, a vulgar madeira que a encerre.

E em seguida os "cofres de madeira" (14.13):

Se alguma coisa ainda resta no fundo da minha caixa,  
será um presente. Não há nada? Então a prenda será a própria caixa.

Ou então este outro sobre o palito de dentes, no qual manifesta, para tal função, a preferência pelo lentisco, mas na sua falta pode servir mesmo uma pena (14.22):

O lentisco é melhor; mas se a frondosa ponta te  
faltar, pode uma pena aliviar teus dentes.

Ou ainda este epigrama irónico sobre o dentífrico (14.56):

Que tens que ver comigo? Que uma jovem me use.  
Não costume pôr a brilhar dentes comprados.

De qualquer modo, por entre as coisas simples do quotidiano e a matéria mitológica da tragédia que rejeitara (X. 4), aparecem temas sérios como a amizade, cuja identificação apenas com o acto de dar, que continua corrente, rejeita através do paradigma dos pares famosos Teseu / Pirítoos e Orestes / Pílates (10.11):

Não falas senão de Teseu e de Pirítoos  
e cuidas que és, Caliodoro, um outro Pílates.  
Raios me partam, se és digno de levar  
o pênico a Pílates ou de cevar os porcos de Pirítoos.  
«Mas deí», dizes tu, «a um amigo cinco mil sestércios  
e uma toga lavada, no máximo, três ou quatro vezes.»  
E daí? Não sabes que Pílates nunca deu nada a Orestes?  
Quanto mais se dá, mais ainda é o que se recusa dar.

Transcrevi com mais demora a tradução de algumas composições dos livros coligidos neste IV volume dos *Epigramas* de Marcial, para que se possa não só ter uma ideia da variedade temática, mas sobretudo degustar e sentir a perícia e rigor com que é feita a tradução que mantém a segurança, a graciosidade, a concisão dos dísticos do poeta de Bilbilis - perícia e rigor em especial evidentes nos epigramas mais ousados que se concentram no Livro XI, como aliás avisa o poeta nestes versos (11.15.1-9):

Já escrevi páginas que a mulher de Catão  
e as arrepiadas Sabinas poderiam ler:  
mas este livrinho eu quero que ria todo ele  
e seja, de entre todos, o mais atrevido,  
que esteja encharcado em vinho e não core  
por estar oleoso do gordo perfume de Cosmo;  
que goze com os rapazes, que ame as raparigas  
e não fale com rodeios daquela coisa,  
da qual nascemos e é pai de todos.

As notas breves, sucintas, reduzem-se ao essencial e remetem para paralelismos ou informações contidos em outros epigramas. Só para dar um exemplo,

elejo a nota explicativa sobre o "jogo das nozes", referido em 13.1, w. 5-8, em que o poeta compara o seu ofício ao acto de jogar. Cito os versos:

O meu cubo não combate com o dado magnânimo,  
nem o seis, a par do às, desgasta o nosso marfim;  
esta folha é as minhas nozes, esta outra o meu copo de lançar:  
um jogo como este nem prejuízo nem lucro me dá.

Reza assim a nota: «'Jogar às nozes', além de actividade infantil (v. n. a V 84, 1) e de jogo apreciado (cf. IV 14, 9), era expressão equivalente ao nosso 'jogar a feijões'. Também era presente de pobres, nas Saturnais (cf. IV 66, 16; VII 91, 2; XIV 19)», como também acontece relativamente ao copo de lançar os dados (v. n. a IV 14, 8).

E assim este entendimento profícuo entre o Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra e o Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa dotaram a cultura portuguesa de uma tradução escorreita, rigorosa, fiel e viva de um dos mais significativos e influentes autores da literatura latina, acompanhada de introduções bem documentadas e seguras e de notas sucintas, judiciosas, claras. Bem hajam! Que a colaboração entre os dois departamentos continue fecunda e que o ânimo não esmoreça para as tarefas que dia a dia nos aguardam.

Merece ser lido o poeta que proclama, como vimos, ter a sua poesia «sabor a homem» - tanto mais que os tradutores conseguiram captar o palpitante da vida, o sal e a pimenta que temperam os seus epigramas.

José Ribeiro Ferreira

H AYNES, Holly: *Tacitus on Imperial Rome. The History of Make-Believe* (University of California Press, 2003).

As *Historiae* de Tácito continuam a despertar o interesse dos investigadores contemporâneos. O momento histórico, a situação política, os portentosos planos militares e a dramática caracterização dos protagonistas desafiam a argúcia daqueles que procuram decodificar a mensagem ideológica subjacente à narrativa.

H. concentra-se na extinção da dinastia Julio-Cláudia, na conseqüente falência do seu modelo político e na sua substituição pela nova ficção da dinastia Flávia. Os candidatos ao principado debatem-se para encontrar o seu lugar no